

A FINITUDE NO PENSAMENTO DE HEGEL

Autor(es): Wender da Costa Dias¹; José Raimundo Dias neto² Marcos Fábio Alexandre Nicolau³

Autor: Filosofia, CENFLE-MAF, UVA; Email: wenderdias6@gmail.com; ¹ Autor: Filosofia, CENFLE-MAF; Email: rdiasneto@hotmail.com; ² Prof/pesquisador, orientador: CENFLE-MF, UVA. E-mail: mfn_ueva@hotmail.com/marcos_nicolau@uvanet.br.

Resumo: O pensamento de Hegel foi revestido de uma roupagem metafísica, envolvido pelo sistema dialético e abrange conceitos como: ser, temporalidade, negatividade, finitude. Em sua obra central, *fenomenologia do espírito*, 1807, Hegel desenvolveu o método dialético para descrição da realidade em vista de um processo que visa o saber absoluto no qual a verdade é a certeza do saber de si mesmo. Assim abordou-se aqui, conceitos de ser, nada e começo para suprassunção em direção ao absoluto. Utilizamos material bibliográfico em nossa pesquisa. Tem-se como objetivo apresentaro pensamento hegeliano como o desenvolvimento que permite entender a realidade a partir de suas contradições a partir da justificação de um começo.

Palavras-chave: Absoluto. Dialética. Hegel. Metafísica.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

No presente trabalho, se apresenta em linhas gerais, alguns elementos de metafísica no pensamento de Hegel (1770-1831). É preciso destacar que este não figura no rol dos filósofos metafísicos propriamente ditos ou que tenha na sua filosofia uma centralidade de abordagens no sentido da conceituação da metafísica tradicional. Porém, isso não significa que não se encontre no pensamento hegeliano elementos, ou questões importantes relacionadas à metafísica na perspectiva da filosofia moderna. Para situar o tema e o contexto histórico-filosófico do pensamento de Hegel faz-se necessário apresentar algumas considerações sobre a compreensão da metafísica hegeliana que se situam dentro de uma perspectiva metafísica própria do saber absoluto, temporalidade, negatividade e da finitude. Esta investigação visa explicitar o modo a metafísica ressoa no pensamento de Hegel, e sua importância para a compreensão da realidade, dos discursos, e da apreensão de mundo do homem.

MATERIAL E MÉTODOS

O propósito dessa investigação sobre a metafísica: subjetividade finitude e infinitude e em Hegel, propõe-se a uma abordagem sobre esta, de cunho epistemológico. Como se reduz a uma pesquisa no âmbito filosófico, faremos um levantamento de fontes bibliográficas para a consecução do trabalho. Abordaremos a contextualização histórica: o ponto de vista da metafísica proposta por Hegel, de Kant e antiga, como também uma análise crítica da



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

argumentação delimitando os conceitos, interpretando-os e comparando-os com os textos referentes ao autor, aos assuntos incluídos no decorrer do texto e dos problemas que constituem a discussão. Considerar todo o conjunto da problemática e das obras utilizadas e a relação dos textos com a atualidade do assunto, a importância da questão sobre o Ser, para a filosofia na atualidade, assim, revisando os conceitos questionados pelo próprio autor, na obra: *Fenomenologia do espírito*, entre outras obras de Hegel sobre a lógica e dialética. Portanto, será necessário para desenvolver o projeto, material teórico, buscar compreender o máximo possível do tema proposto, conhecer o assunto para evitar contradições em relação ao objeto estudado para buscar uma solução para os problemas suscitados pela própria pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No pensamento hegeliano encontram-se, como temas da metafísica, as questões da temporalidade, negatividade, finitude e infinitude. A temporalidade e a finitude devem ser suprassumidas no absoluto, ou saber absoluto que, por sua vez, é construção, caminhada, processo, fruto da experiência da consciência no mundo, como sistema o absoluto é ciência que se constrói, e este movimento da experiência da consciência, quando alcança o saber absoluto de, é o que se denomina de “espírito” na *Fenomenologia do espírito*. No saber absoluto, ápice da experiência da consciência pela ação do espírito, a realidade se identifica com o pensamento, não havendo, qualquer oposição entre a consciência e o seu objeto. “O espírito, que se sabe desenvolvido assim como espírito, é a ciência. A ciência é a efetividade do espírito, o reino que ele para si mesmo constrói em seu próprio elemento”¹. A lógica hegeliana pode ser compreendida, como metafísica, e, nesta perspectiva o conteúdo da lógica são as “puras essencialidades”, enquanto características da essência em si mesma. Seu objeto são os princípios e as estruturas que servem de base à realidade concreta dada pela experiência. Para Hegel, a lógica formal clássica, que separa sujeito e predicado, era necessitada de conteúdo, se constituindo a lógica hegeliana como uma lógica de determinações essenciais, significando a possibilidade de relação entre as coisas nas quais as “puras essencialidades” não são apenas aspecto do real, mas também o nosso modo de ver a realidade. Assim, a lógica hegeliana não é distinta da realidade, da estrutura do mundo e do pensamento. O saber absoluto é o conhecimento no qual se compreende o ente, o particular na sua unicidade, um saber completo, independente, incondicionado, não relativo ou limitado a qualquer outra coisa. Este saber absoluto se constrói na superação das coisas, suprassumindo o que foi superado e elevando-o a outro patamar, e neste processo a consciência vai se libertando do que é relativo. O retorno do absoluto a si mesmo, como superação do saber relativo, nada mais é do que a superação da finitude. Na *Fenomenologia* Hegel procura demonstrar que há uma lei interna, imanente, referente ao movimento de absolvência, pelo qual a consciência gradativamente se desliga dos objetos para retornar cada vez mais a si mesmo, superando a distância entre existência e essência². A consciência vai superando cada vez mais a cisão entre ela e o exterior, o outro, superando a finitude e se perdendo na totalidade, no absoluto. Hegel arremata que:

¹ Cf. HEGEL. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução: Paulo Meneses. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014.

² Cf. BLANC, M, F. **Estudos sobre o ser II**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Quando a substância tiver revelado isso completamente, o espírito terá tornado seu ser-aí igual à sua essência; (então) é objeto para si mesmo tal como ele é; e foi superado o elemento abstrato da imediatez e da separação entre o saber e a verdade. O ser está absolutamente mediatizado: é conteúdo substancial que também imediatamente, é propriedade do Eu; tem a forma do Si, ou seja, é conceito³.

Para a metafísica tradicional o finito caminha lado a lado com o infinito, ou ambos se opõem. Para Hegel não é assim, pois o infinito não é um além do finito, mas um suprassumir-se dele. Sofia Rovighi explica que, para Hegel, o infinito é o ultrapassar-se do finito, atualizando-se na história de forma constante a partir da negação do finito. Este é o elemento de novidade trazido por Hegel na filosofia moderna: na experiência da consciência no mundo, pelo movimento dialético, a subjetividade vai se libertando e se impondo, construindo-se como verdade absoluta, mostrando-se como infinitude, negação de todos os condicionamentos e determinações, subjetividade incondicionada com relação a Deus, à natureza, ao outro etc. Neste caráter absoluto do sujeito, se dá, portanto, uma fundamentação lógico-subjetiva da infinitude, um fundamento ontológico para a totalidade dos entes. O infinito é a contradição absoluta. Esta perspectiva da universalidade, ou infinitude, é explicada por Hegel da seguinte forma:

É esta a determinação fundamental que a liberdade tem: o espírito pensa-se a si, o indivíduo tem na sua particularidade a intuição de si enquanto algo de universal, cada um conhece-se na sua individualidade como universal, o seu ser consiste, enquanto universal, em estar no universal. O seu ser é a sua universalidade e a sua universalidade é o seu ser. A universalidade é a referência a si, não estar num outro, num estranho, não ter a sua essência num outro, mas estar em si – tê-la quanto universal, em si, no universal. Este estar em si é a infinitude do eu-personalidade.⁴

Portanto, destaca-se no pensamento hegeliano uma “metafísica da subjetividade” diferente daquela desenvolvida pelos filósofos racionalistas e por Kant, passando em Hegel para a esfera do racional na elaboração da teoria do espírito absoluto, compreendido como saber absoluto, em que a consciência, na experiência que faz no mundo, retorna a si mesma. Na experiência da consciência, o absoluto é o saber que retorna a si no contato com o outro, sendo esta a premissa fundamental do que se pode conceber como a metafísica hegeliana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E/OU CONCLUSÃO

A filosofia de Hegel se constitui, portanto, como superação temporal da metafísica tradicional, rumo ao saber absoluto, entretanto, é neste sentido que se apresenta como herdeira da noção tradicional da metafísica concebida por Aristóteles, mas superando-a para destacar o conhecimento do particular e do universal, dos entes e destes na sua totalidade, sem cisão entre fenômeno e essência, na perspectiva de um saber total, integral ou absoluto. Supera,

³ Cf. HEGEL. **Fenomenologia do Espírito**, § 37, p. 44.

⁴ Cf. HEGEL. **Introdução à História da Filosofia**. Trad: Artur Mourão. Rio de Janeiro: Edições 70, ano 1991, p. 190.

igualmente, a dicotomia no pensamento kantiano entre conhecimento humano e a ideia do absoluto. O sistema hegeliano é objeto de crítica, principalmente no que se refere a esta pretensão radical quanto ao absoluto. De qualquer forma, não obstante toda a crítica que se possa fazer à pretensão de Hegel no tocante à ideia do absoluto, é inegável a influência que este pensador teve no seu tempo, na filosofia contemporânea e até nos tempos atuais, desde Marx, Husserl, Heidegger, à escola hermenêutica (Gadamer), teoria crítica da escola de Frankfurt (Adorno, Habermas), a sociologia (M. Weber), a Psicologia (Lacan) e tantos outros que adotaram ou adotam o método dialético hegeliano.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade Estadual Vale do Acaraú e ao grupo de estudos sobre Hegel, Laboratório de Estudos Hegelianos- LEH, organizado por Marcos Fábio Alexandre Nicolau, professor Doutor da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

REFERÊNCIAS

BLANC, M, F. **Estudos sobre o ser II**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

HEGEL. **Introdução à História da Filosofia**. Coleção Textos Filosóficos. Tradução: Artur Mourão. Rio de Janeiro: Edições 70, ano 1991.

HEGEL. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução: Paulo Meneses. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014.

HEGEL. **Ciência da Lógica** (Excertos). Tradução: Marco Aurelio Werle. São Paulo, SP: Barcarolla, 2011.

HEIDEGGER, M. **O conceito de experiência em Hegel**. In: **Caminhos de floresta**. Trad. Irene Borges-Duarte. Lisboa: Caloute Gulbenkian, 1997.